



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

MATEUS DE SOUSA BEZERRA

**A MIGRAÇÃO ESTUDANTIL PARA O BRASIL: ESTUDANTES GUINEENSES NA
UNILAB-CE**

REDENÇÃO - CE

2019

MATEUS DE SOUSA BEZERRA

A MIGRAÇÃO ESTUDANTIL PARA O BRASIL: ESTUDANTES GUINEENSES NA
UNILAB-CE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Daniele Ellery Mourão

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Daniele Ellery Mourão
(Orientadora / IH UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Francisca Rosália Silva Menezes
(Examinadora / IH UNILAB)

Prof.^o Dr.^o Carlos Subuhana
(Examinador / IH UNILAB)

REDENÇÃO – CE

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

A MIGRAÇÃO ESTUDANTIL PARA O BRASIL: ESTUDANTES GUINEENSES NA UNILAB-CE

MATEUS DE SOUSA BEZERRA

Data da aprovação: ____/____/____ Nota: ____

RESUMO

O objetivo desse trabalho é refletir sobre o processo de “migração estudantil” de jovens guineenses que escolheram a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) para realizarem o desejo de formarem no ensino superior. A partir disso, pretende-se observar as interações deles com os códigos culturais dos brasileiros e das pessoas de outros países que estudam na Unilab. Nesse sentido, o projeto leva em conta que essa vivência entre culturas pode significar viver trocas culturais, estranhamentos no novo país e ressignificações identitárias. Também nesse projeto surge a importância de observar as relações étnico-raciais ao se levar em conta o histórico de discriminação sofrida por pessoas negras, principalmente quando vêm do continente africano, considerando que podem viver preconceito de cor e também podem ser vistos a partir dos estereótipos que ligam a África a um lugar atrasado culturalmente, pobre e selvagem. O trabalho também atentará para os motivos desses estudantes escolherem estudar no Brasil, na Unilab. O campo de pesquisa será a Unilab e as comunidades de Redenção e Acarape, a metodologia será a pesquisa qualitativa com observações de campo e conversas formais (entrevistas) e informais com estudantes da Guiné-Bissau.

Palavras-chave: Migração temporária; Culturas; Identidades; Racismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo incentivo que recebi deles desde que comecei a estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e durante o tempo em que estive escrevendo esse projeto.

Também não posso esquecer de minhas irmãs, Daniele e Gabriela, pessoas que moram comigo e com quem pude contar com a ajuda nos estudos, incentivo e escrita desse trabalho.

Também agradeço a uma amiga muito especial, a Edivania, que sempre procurou de todas as maneiras me incentivar, principalmente nos momentos em que achei que não conseguiria terminar esse projeto.

Obviamente também não posso esquecer da minha orientadora, a professora Dr. Daniele Mourão, a quem agradeço por ter se disponibilizado a me orientar nesse trabalho, pelas correções e a atenção que deu, sempre em busca de me auxiliar na escrita desse projeto da melhor forma possível.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO / INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	6
3. JUSTIFICATIVA / DISCUSSÃO TEÓRICA	6
4. REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES	27

1. APRESENTAÇÃO / INTRODUÇÃO

O presente projeto tem o objetivo de refletir sobre o processo de internacionalização de jovens guineenses que estudam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e moram em Redenção e Acarape¹, onde se situa a universidade, no interior do Ceará. Pretende-se analisar como os estudantes interagem com os diferentes códigos culturais no novo contexto social em que passam a viver, como lidam com a discriminação (e o preconceito de cor) que, muitas vezes, liga a África aos estereótipos de lugar pobre, atrasado culturalmente e “selvagem”. Com isso anseio ainda refletir sobre as motivações desses estudantes de virem estudar na Unilab, levando em conta que isso pode significar grandes transformações em suas vidas, vivenciando diversas experiências de trocas, bem como tensões identitárias e étnico-raciais.

O projeto toma por base o processo de “migração temporária” ou transitória, assim como trabalhado por Subuhana (2005) em sua pesquisa com estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro, que afirmou que a escolha pelo termo “imigração temporária” foi por entender que “imigração” seria um conceito “absoluto demais” para se tratar da realidade de estudantes que vêm estudar no Brasil com um visto provisório.

Outro aspecto importante a ser observado, como destacado por Fati (2018), que trata das motivações para a realização do curso superior fora do país, é que a fragilidade de políticas públicas em Guiné-Bissau com baixos investimentos na área da educação faz com que muitas pessoas busquem a realização do sonho de formação no ensino superior no Brasil. Outro motivo apontado na pesquisa do autor que justificaria a vinda desses estudantes para o Brasil pode estar ligado ao contexto histórico semelhante entre os países, como o mesmo colonizador e a mesma língua como herança. Mais aspectos relevantes estão ligados aos acordos de cooperação educacional com o Brasil que trazem algumas facilidades para a vinda dos estudantes. Dentre elas o aumento na oferta do número de vagas nas universidades brasileiras que foram impulsionadas (sobretudo no período entre 2003 e 2011), a gratuidade das universidades públicas, diferente de Portugal, país privilegiadamente escolhido pelos estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) para a formação

1 Redenção é um município do Ceará, a uma distância aproximada de 64 km de Fortaleza. É também conhecida por ter sido a primeira cidade brasileira a libertar os escravizados em 1883, motivo pelo qual recebe esse nome. Acarape é o município mais próximo de Redenção (uma distância aproximada de 3 km divide essas cidades), está a uma distância estimada de 61 km da capital Fortaleza. As duas cidades estão localizadas na região do Maciço de Baturité, no interior do estado do Ceará.

superior, onde os estudantes, em geral, têm que pagar mensalidades. (MOURÃO, 2016). Assim, os acordos bilaterais na área da educação são de suma importância para o entendimento da vinda desses estudantes.

No Brasil, os principais convênios estudantis são o Programa de Estudante Convênio de Graduação e de Pós-Graduação (PEC-G e PEC-PG). O primeiro protocolo do PEC-G foi lançado em 1965, atualizado em 1967 e, em 1973, lançada a sua terceira versão, sendo consideravelmente impulsionado na década de 2010, nomeadamente com as ações do governo Lula, que promoveu profundas mudanças na condução da política externa do país (MOURÃO, 2016, p. 165-166).

A Unilab surgiu, então, em um contexto em que a cooperação estudantil já existia desde os anos 1960, e em paralelo com a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), ambas criadas em 2010. A Unilab foi então criada para atender demandas estudantis internacionais com base na concretização das relações de cooperação entre os países do hemisfério sul que visam o desenvolvimento das regiões carentes do globo por meio da ampliação da educação superior, com um olhar especial para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP): Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde (DIRETRIZES, 2010). Assim, é um projeto que investe tanto na interiorização do ensino superior quanto na internacionalização, com foco na aliança cultural e histórica entre o Brasil e os países africanos e da CPLP, incluindo os estudantes do Timor Leste.

A Unilab tem uma forma de Seleção de Estrangeiros² própria que se difere do PEC-G e também internamente entre internacionais e brasileiros³. Os candidatos internacionais dos PALOP e do Timor-Leste que pretendem estudar na instituição preenchem, ainda no país de origem, um Formulário Eletrônico com seus dados e com a documentação solicitada. Cada candidato que tiver sua inscrição deferida se submeterá a uma prova de redação e uma análise do histórico escolar do Ensino Médio para depois saber se foi ou não selecionado para estudar na Unilab.

2 Ver em: <http://selest.unilab.edu.br/>, consultado em 29/07/2019.

3 Para os brasileiros, a única forma de estudar na Unilab é entrando pelo SISU (Sistema de Seleção Unificada), do Ministério da Educação. Essa seleção é feita com base na nota obtida pelo candidato no ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio). A Unilab também adotou em 2013 a “Lei de Cotas” (Lei nº 12.711/2012) que garante “vagas para candidatos oriundos de escolas públicas com renda familiar per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e autodeclarados, pretos, pardos ou indígenas.” Ver: <http://www.unilab.edu.br/processo-seletivo/>, consultado em: 07/08/2019.

A Unilab conta com cursos de graduação em: Administração Pública, Agronomia, Antropologia, Ciências Biológicas, Ciências da Natureza e Matemática, Ciências Sociais, Enfermagem, Engenharia da Computação, Engenharia de Energias, Farmácia, Física, História, Humanidades, Letras – Língua Inglesa, Letras – Língua Portuguesa, Matemática, Pedagogia, Química, Relações Internacionais e Sociologia. Também tem pós-graduação em: Gestão de Recursos Hídricos, Ambientais e Energéticos; Gestão em Saúde; Gestão Pública; Gestão Pública Municipal; Mestrado Acadêmico em Antropologia; Mestrado Acadêmico em Enfermagem; Mestrado Profissional em Matemática; Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades; Saúde da Família; e Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis.

O curso de Bacharelado em Humanidades tem como objetivo formar pessoas capazes de pensar sobre os problemas das sociedades em que estão e assim poderem produzir pesquisas e gerar conhecimentos no campo social. O profissional formado em Bacharelado em Humanidade poderá atuar em áreas públicas e privadas, como museus e em instituições de pesquisa afim da preservação da história, da cultura e das artes. Esse profissional também poderá escolher ingressar no segundo ciclo de estudos, já que o BHU é também um curso de primeiro ciclo que objetiva preparar os estudantes para o ingresso nas terminalidades, que são os cursos de: Antropologia, História, Pedagogia e Sociologia (PPC-BHU⁴, 2016).

Para o estudante selecionado ainda cabe destacar a possibilidade de receber auxílio estudantil. O Programa de Assistência ao Estudante (Paes)⁵ constitui-se numa política estudantil da Unilab que visa dar aos estudantes (nacionais e internacionais) com situação socioeconômica vulnerável um orçamento necessário para que esses possam se manter economicamente enquanto estiverem estudando na instituição. Esses auxílios ajudam no pagamento da moradia, da instalação, da alimentação, etc., para que possam residir nas cidades sedes e/ou permanecerem na instituição em tempo integral.

A Unilab só garante que o candidato receba qualquer forma de auxílio econômico depois de uma análise do perfil socioeconômico do estudante. O Paes é uma forma de garantir que os estudantes não saiam da Unilab antes de concluir os estudos, e também uma forma de garantir a vinda de estudantes internacionais com a segurança de que esses não estarão vulneráveis economicamente no novo país, além de garantir a atração para a Unilab, invés de

4 (PPC-BHU) Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Bacharelado em Humanidades. Ver em: <http://www.unilab.edu.br/cursos-de-graduacao/humanas/>, consultado em: 08/08/2019.

5 Ver em: <http://www.unilab.edu.br/assistencia-estudantil/>, consultado em 29/07/2019.

outras instituições no Brasil ou em outros países, sobretudo universidades privadas onde eles têm que pagar mensalidades.

Diante disso, podemos dizer que a Unilab tem duas metas a serem cumpridas: a primeira tem como foco interiorizar o ensino superior no Brasil com base no Plano Nacional de Educação (PNE, 2000-2010) e no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE, 2007) e assim descentralizar o ensino superior nacional expandindo também para as áreas periféricas mais carentes dando a elas a capacidade de se desenvolverem por meio da educação. Nesse sentido, a iniciativa de criar a Unilab apontou para o Nordeste devido à baixa escolaridade e o baixo desenvolvimento social constatado nessa região, fazendo com que as localidades escolhidas fossem o Maciço de Baturité no Ceará e São Francisco do Conde na Bahia (DIRETRIZES, 2010).

A segunda meta da Unilab consiste na internacionalização da educação superior brasileira. Essa meta surgiu da necessidade de atender as demandas por educação básica e superior dos países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) além da necessidade de promover o fim das desigualdades sociais em alguns deles, em especial os da África. O objetivo da internacionalização é, portanto:

Produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa – especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente – por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e comprometidos com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação de meio ambiente. (DIRETRIZES, 2010, p. 12).

A Unilab conta com quatro Campus, sendo três localizados no estado do Ceará (Auroras, Liberdade e Palmares) e um no estado da Bahia (Malês) e atualmente a instituição tem 293 estudantes da Angola, 4252 do Brasil, 66 de Cabo Verde, 681 da Guiné Bissau, 38 de Moçambique, 60 de São Tomé e Príncipe e 12 do Timor-Leste.

É dessa forma que os estudantes da Guiné-Bissau chegam na Unilab e nas comunidades de Redenção e Acarape onde passam a viver sobre um novo contexto cultural, sendo então importante fazer considerações sobre os conceitos de cultura, identidade, diáspora/imigração, e relações étnico-raciais.

O projeto está dividido em 6 tópicos como situado no sumário.

Na justificativa/discussão teórica trago uma reflexão sobre o conceito de cultura como abordado por Barth (2005) que a definiu como aquilo que aprendemos de acordo com as experiências que partilhamos com as pessoas, nos fazendo pensar que esses estudantes podem viver estranhamentos no novo país, mas também têm a possibilidade de viverem trocas, aprendizados e ressignificações culturais. Trago também as definições de Hall (2006) acerca da identidade cultural que fala que a cultura é um importante meio de distinguirmos aquilo que consideramos ser nossas identidades, mas também afirma que não podemos dizer que essas identidades são fixas, mas sim capazes de se fragmentar de acordo com as vivências e trocas culturais entre as pessoas.

Pretendo trazer nesse projeto a importância de se conhecer como se dão as relações sociais e culturais entre estudantes de diferentes nacionalidades sem perder de vista a proposta de ‘integração’ da Unilab. Por isso abordo também a importância de fazer uma reflexão a respeito das relações raciais e da possibilidade desses estudantes viverem situações de preconceitos e discriminação, principalmente no que se refere ao apagamento das culturas de origem africana e da identidade negra no Ceará.

Na metodologia desse projeto mostro que será feita uma pesquisa qualitativa com entrevistas (conversas formais e informais) e observações de campo em torno das vivências dos estudantes guineenses na Unilab e nas comunidades de Redenção e Acarape.

Destaco a importância do “olhar” e o do “ouvir” como atividades complementares para a obtenção dos resultados da pesquisa que será feita, no sentido trabalhado por Oliveira (1996), que traz a importância da observação do cotidiano das pessoas que serão pesquisadas e também a importância de as ouvir por meio de conversas para entender os sentidos que dão às suas vivências.

Ainda na metodologia mostro a importância de entender meu “lugar de fala” diante dos pesquisados. Por ter a pele mais clara (ser branco) que a maioria das pessoas que vou pesquisar não vivo as mesmas situações de preconceitos e discriminação que elas, isto é, ser visto como branco faz com que eu tenha privilégios e acessos lugares que os sujeitos interlocutores dessa pesquisa teriam mais dificuldade de acessar. É então desse lugar que eu falo. Contudo, me coloco como crítico ao racismo estrutural que existe em nossa sociedade brasileira e assim, o trabalho de pesquisa que será desenvolvido não pretende falar pelos estudantes guineenses (negros e africanos), mas falar com eles.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

O objetivo desse projeto é refletir sobre o processo de “migração transitória” dos estudantes da Guiné-Bissau que estudam na Unilab-CE e moram nas comunidades de Redenção e Acarape.

Objetivos específicos

Analisar como os estudantes guineenses interagem com os diferentes códigos culturais no Brasil (no Ceará, vivendo em Redenção e Acarape) e também das outras nacionalidades presentes na Unilab. E se o contato com esses diferentes referenciais gerou estranhezas ou não; e como se deu a adaptação e/ou a ressignificação de seus próprios referenciais culturais nesse processo;

Analisar como se dá a construção das relações étnico-raciais dentro da instituição e nas comunidades de Redenção e Acarape, levando em conta o desconhecimento sobre a África e a possibilidade de serem discriminados por serem negros, estrangeiros, africanos;

Refletir sobre as motivações desses estudantes de virem estudar no Ceará, na Unilab.

3. JUSTIFICATIVA / DISCUSSÃO TEÓRICA

A pesquisa ora proposta, que será realizada com estudantes guineenses da Unilab, uma universidade que carrega em seu nome a palavra 'integração', inserida em um contexto de interiorização e de cooperação internacional, justifica-se pela importância de tentar compreender as relações sociais de interação entre esses estudantes e outros de diferentes nacionalidades (do Brasil e da África). Relações que podem ser estabelecidas por meio de trocas e de conflitos, principalmente no que se refere às tensões identitárias e raciais que os estudantes guineenses podem viver nas comunidades onde vivem (em Redenção e Acarape) e no interior da instituição em relação aos preconceitos, desconhecimento e estereótipos ligados à África como cultural, política e economicamente atrasada.

Do ponto de vista acadêmico, essa pesquisa contribuirá para o conhecimento do que está envolvido no processo de migração temporária ou transitória (Subuhana, 2005). Nesse

caso, para que não se possa confundir com outros contextos migratórios, é importante destacar que se trata de uma pesquisa sobre deslocamentos de estudantes internacionais que pretendem construir seus projetos de formação superior no Brasil, com previsão de retorno, após o término dos cursos, como previsto nos acordos de cooperação. Sendo assim, essa pesquisa contribuirá para o conhecimento desses deslocamentos estudantis, observando os motivos dele acontecer e as suas implicações na vida dos estudantes.

Subuhana (2005), pesquisador moçambicano com formação acadêmica no Brasil, em sua tese de doutorado destacou que preferiu usar em sua pesquisa o termo “imigração temporária” por entender que o conceito ‘imigração’ seria definitivo demais para tratar da realidade de estudantes que entram no Brasil com um visto temporário (“Visto temporário IV”), mesmo sendo “um visto que pode ser prorrogado anualmente, bem como transformado em permanente” (SUBUHANA, 2005, p. 09).

Nessa perspectiva, essa pesquisa se desenvolverá com base na “migração temporária” de estudantes guineenses levando em conta o retorno ao país de origem no final do curso para contribuir na área em que se graduou, como está previsto pelos acordos de cooperação.

O que me motivou a realizar a pesquisa foi a curiosidade de conhecer como esses estudantes realizam seus sonhos de obter uma formação superior estando longe de suas culturas e da família em um novo contexto social, em contato com diferentes códigos culturais de interação.

Nesse caso, também me chamou atenção a ambiguidade do contexto em que estão inseridos: se por um lado a população redencionista se orgulha da cidade ser a pioneira na abolição, por outro vê nesses estudantes uma ameaça, como por exemplo, em narrativas que diziam que eles “tiram oportunidades dos brasileiros de estudarem na universidade”. Além de um forte desconhecimento a respeito da África, muitas vezes, vista como um país e não como um continente com grande diversidade cultural, percebi também a construção de estereótipos ligados a pobreza e lugares selvagens, gerando perguntas, como por exemplo: “como esses estudantes chegam ao Brasil?”; “Como interagem com outros estudantes brasileiros?”, “E como lidam com situações de discriminação (preconceitos de cor e estereótipos negativos sobre a África)?”.

Analisando o pioneirismo do Ceará na libertação, Marques (2013) destaca que a história do abolicionismo nesse estado se baseia numa exaltação de abolicionistas brancos dando pouca referência às lutas das pessoas negras escravizadas e silenciando as culturas de

origem africana, revelando uma situação que ainda hoje pode refletir em preconceitos e em diversas formas de silenciamentos e negações, como: “Ao longo dos anos, constituiu-se, assim, o discurso de que o Ceará não tem negros e que a cultura cearense pouco (ou nada) teria de raízes africanas” (MARQUES, 2013, p. 348).

A escolha do município de Redenção no interior do Ceará para sediar dois dos campus da Unilab também aponta para "dimensão simbólica desse projeto" de criação da universidade (HELENO, 2018, p. 18), visto que foi essa cidade a pioneira na libertação dos escravizados no ano de 1883. Assim, a proposta de interiorizar e internacionalizar o ensino superior público brasileiro conforme a “relação de cooperação internacional Sul-Sul, com o foco central na África” apontou para essa cidade (GOMES, LIMA, SANTOS, 2018, p. 99), reforçando também o simbolismo de Redenção na libertação dos escravizados. Mas, como mostrado acima, os estudantes guineenses e de outros países dos PALOP se deparam, na verdade, com uma história de apagamento da identidade negra.

Por isso vejo a importância de destacar o que motivou a vinda dos estudantes dos PALOP para a Unilab, dando um peso a uma escolha que pode significar muitas transformações, atravessadas por tensões, mas também por encontros e trocas.

Fati (2018), estudante guineense egresso do curso de Licenciatura em Sociologia da Unilab, em seu artigo sobre o tema da diáspora estudantil, destacou que o um dos motivos da vinda dos estudantes guineenses ao Brasil são os contextos históricos semelhantes (mesmo colonizador, mesma língua), bem como as questões políticas como as muitas crises econômicas em Guiné-Bissau, que geraram fragilidade de investimento em educação no país, levando os estudantes a buscar o sonho de formação superior em outros países, como o Brasil que oferece algumas facilidades via os acordos bilaterais na área da educação.

Em sua pesquisa Mourão (2016, p. 167) destacou que além do aumento do número de vagas e “a gratuidade das universidades públicas brasileiras”, com destaque para as capitais nordestinas (menor custo de vida), “a proximidade geográfica”, a questão do idioma, a possibilidade de ter auxílio financeiro da universidade (no caso da Unilab), “a fama dos professores brasileiros de serem ‘mais legais’ e o ensino ‘mais prático’”, considerado um ganho no aprendizado e os exemplos de sucesso de quem estudou no Brasil têm se destacado como importantes fatores de escolha pelo país.

Com isso, os acordos de cooperação na área da educação entre Brasil e os países que enviam estudantes para Unilab, nesse caso, em destaque, além de Timor-Leste, os Países

Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que são: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, são de grande importância como fator impulsionador no deslocamento desses estudantes até o Brasil.

Conforme disposto no site da Unilab, Guiné-Bissau, depois do Brasil, é o país com maior número de estudantes matriculados na instituição, como está na tabela abaixo⁶.

País	Porcentagem do Total Geral	Discentes
Angola	5,42 %	293
Brasil	78,71 %	4252
Cabo Verde	1,22 %	66
Guiné Bissau	12,61 %	681
Moçambique	0,70 %	38
São Tomé e Príncipe	1,11 %	60
Timor Leste	0,22 %	12

Como ressaltou Mourão (2016, p 168), “motivados pelo desejo de construir no Brasil um projeto de vida pela formação superior, esses estudantes criam expectativas a respeito do que vão encontrar e de como vão constituir suas vidas em meio a uma nova realidade”. No entanto, o contexto social encontrado é bastante diferente do que imaginavam antes de sair do país de origem, pois passam a lidar com limitações de possibilidades nessa nova realidade cercada por “tensões identitárias, raciais, culturais, políticas, individuais e coletivas” (MOURÃO, 2016, p. 168).

Fati (2018), a partir da sua pesquisa com estudantes guineenses, vai destacar que: “o cotidiano da diáspora estudantil guineense no município de Acarape – CE é constituído de vários elementos, além do contexto acadêmico” (FATI, 2018, p. 06).

Na mesma perspectiva se dá o cotidiano da diáspora estudantil guineense no município de Acarape por meio das atividades esportivas, culturais assim espaços de debates por meio de palestras, seminários, minicurso e entre outros promovida pela Associação dos Estudantes Guineenses na UNILAB – AEGU visando a integração junto da comunidade acadêmica da UNILAB

⁶ Ver em:

<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoibNTkzZjY2MWQ0NjMzNS00MjkzLWI4YTA0OGJjY2NmNjdmNzI1IiwiaWQiOiJkZGZGNILWFmMTItNDJjZS04MDM3LTU4MzEzZTRkYzVkMSJ9>, consultado em 18/06/2019.

assim como de Acarape e Redenção. Por tanto, no nosso entender, estes e entre outros são momentos de integração dos estudantes guineenses residentes em Acarape especialmente por representarem a adesão a uma nova vida urbana (FATI, 2018, p. 06).

A partir dessa adesão a uma nova vida entra em questão a convivência com novas culturas, não só com os novos códigos de interação partilhados entre os brasileiros, mas também entre as outras nacionalidades do continente africano, com as quais passam a conviver na Unilab, uma importante questão a ser abordada por essa pesquisa.

Do ponto de vista teórico, Barth (2005), ao tratar do conceito de cultura, o define como algo que aprendemos de acordo com nossas experiências, afirmando que para identificar a cultura temos que observar as experiências compartilhadas entre os indivíduos. Ou seja, primeiramente aceitar, segundo o autor, que a cultura é “constantemente gerada pelas experiências por meio das quais se dá o aprendizado”, que ela apresenta não somente uma enorme variação, mas uma variação contínua, sendo “algo distribuído por intermédio das pessoas, entre as pessoas, como resultado das suas experiências” (BARTH, 2005, p. 16). Além disso, temos que ter em mente sua variedade e variações: as mudanças e ressignificações culturais. Pois, como analisa o autor, a cultura está em um estado de fluxo constante: “Não há a possibilidade de estagnação nos materiais culturais, porque eles estão sendo constantemente gerados, à medida que são induzidos a partir das experiências das pessoas”. (BARTH, 2005, p. 17). No mesmo sentido, dos fluxos constantes da cultura, podemos analisar a produção de novas identidades que são vistas no projeto no sentido analisado por Hall (2006), como múltiplas, não fixas e não homogêneas.

De acordo com Hall (2006, p. 47) “[...] as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade nacional”, assim essa pesquisa também possibilitará observar como os referenciais culturais de cada nacionalidade (internacionais e brasileiros) podem se tornar meios apropriados pelos estudantes de distinguir o Brasil da Guiné-Bissau e a si mesmos, construindo diferenças entre si, sobretudo quando conversam sobre os seus distintos costumes, como por exemplo, em se vestir e se portar em sala de aula, na forma de se relacionar com os professores, colegas e também com moradores locais.

Os estudantes internacionais que vivem no Brasil (e no caso do presente projeto de pesquisa em Redenção ou Acarape) têm experiências distintas e aprendem coisas também diferentes no contato com os diversos valores, costumes e referenciais culturais

experimentados no Brasil, segundo MOURÃO, (2016, 2018), “possibilitando muitas mudanças em suas vidas e consequentemente a produção de novas identidades”. É esse aprendizado cultural, a partir de experiências compartilhadas entre (e/ou com) os estudantes na Unilab, que faz com que haja o fluxo, a variação, com que a gente enxergue as invenções e recriações de tradições culturais.

Essa situação fica exposta na fala de uma estudante guineense da Unilab, que vive há seis anos em Acarape, e que entrevistei para a “pesquisa exploratória” (inicial), para elaboração das minhas “perguntas de partida” (construção da problemática) e escrita do projeto:

Quando cheguei aqui foi estranho ver como as mulheres brasileiras se vestem na rua e também para ir à aula. As roupas são muito curtas, não é assim na Guiné-Bissau. Mas com o tempo também aprendi a me vestir assim, menos para ir às aulas. Vi que a roupa não define quem a pessoa é.

Nas entrevistas que realizei para a escrita do projeto, houve também diferenças e estranhamentos em relação a linguagem. A primeira interlocutora entrevistada disse que em Guiné-Bissau a língua portuguesa, apesar de ser o idioma oficial do país é algo que a colonização impôs, portanto há uma utilização do crioulo nas falas cotidianas, deixando o português mais para lugares formais como: escolas, universidades e etc. Ainda há também na Guiné-Bissau outras línguas além do crioulo e do português, uma vez que muitos não falam nem o crioulo, mas sim as línguas étnicas maternas. Na Unilab é muito comum ouvir os estudantes guineenses se falando em crioulo, sobretudo fora de sala de aula e nas ruas de Redenção e Acarape. Falar crioulo também é uma forma de partilhar costumes, identificação, matar a saudade de casa, e se sentir em casa, mesmo estando longe.

Houve relatos nas entrevistas sobre uma “sensação de estranhamento” com certas palavras. Eles destacaram o receio de falar a palavra ‘rapariga’, que, embora tenha a mesma origem linguística, tem sentidos diferentes em Guiné-Bissau e em Portugal (onde se origina o termo) e no Brasil (onde é tido como ofensa).

O segundo entrevistado também falou da palavra “bicha” usada na Guiné-Bissau para se referir a ‘fila’ e também destacou os diferentes sotaques dos países lusófonos.

Ambos falaram do receio de pronunciar algumas dessas palavras e da falta de entendimento na comunicação com colegas e professores do Brasil (e de outros países) em sala de aula por conta de algumas dessas diferenças linguísticas, mas destacaram que esse não foi um grande empecilho já que, apesar de algumas diferenças, o idioma oficial (português) é

o mesmo e com pouco tempo já havia se dado a adaptação a essa questão da língua.

Barth (2005, p. 16) ressalta que a “etnicidade representa a organização social de diferenças culturais”. No entanto, também destaca que:

Todos concordamos que cultura se refere a algo (tudo?) que é aprendido. Mais precisamente isso significa que cultura é induzida nas pessoas por meio da experiência – logo, para identificá-la, temos de ser capazes de apontar para essas experiências. Temos também de aceitar as seguintes implicações: que a cultura deve ser constantemente gerada pelas experiências por meio das quais se dá o aprendizado. Assim, temos de ter um foco – não para afirmar que a cultura é localizada em algum lugar, mas como uma forma de identificar onde ela está sendo produzida e reproduzida (BARTH, 2005, p. 16).

Nesse sentido, ao se levar em conta que as culturas presentes na Unilab carregam consigo traços das identidades dos estudantes, tanto do Brasil quanto de Guiné-Bissau e dos demais países presentes na instituição e nas comunidades de Redenção e Acarape, baseado nessa questão de que a cultura é produzida por meio do compartilhamento de experiências, como levantado por Barth, parto da ideia de que as identidades também são passíveis de mudanças.

Assim, esse trabalho partirá do ponto de vista de Hall (2006, p. 39) que destaca que “[...] em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento”.

Como pude perceber em rodas de conversas dentro da instituição e nas entrevistas que realizei, há nos relatos de alguns estudantes um destaque para os estranhamentos nos primeiros contatos, tanto dentro como fora da instituição, como por exemplo, quando falam sobre os diferentes modos de se vestir, das dificuldades com a língua, com os sotaques, o estranhamento com a comida nos primeiros dias, com os costumes locais e a forma dos brasileiros de se relacionar (com uma linguagem cultural, corporal distinta).

Essas questões mostram o que Hall (2006, p. 50) diz quando afirma que as culturas nacionais também são compostas de “símbolos e representações”, no entanto, esse mesmo autor não acredita na ideia de essencialismo, mas que as identidades são construídas e reconstruídas, fragmentadas e fluidas.

Sendo assim, será que não poderíamos afirmar que esses estudantes internacionais podem constituir culturas híbridas, no sentido analisado por Hall quando fala dos contatos entre culturas distintas na diáspora? Ou seja, “devem aprender a habitar, no mínimo, duas

identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas” (Hall, 2006, p. 89).

Essas pessoas envolvidas no processo de diáspora estudantil em que deixam para trás parte de seus costumes e famílias rumo ao desconhecido, ao mesmo tempo querem levar consigo algo que não os desvincule completamente de suas origens. Isso se mostra nas danças, músicas, línguas, diversos sotaques, comidas e etc. que trazem para o Brasil e partilham com brasileiros, produzindo trocas de experiências e assim também aprendendo os costumes locais.

Essa questão se revela da seguinte forma: ao chegar ao Brasil o estudante estrangeiro poderá passar por um estranhamento e buscar meios de se conectar ao país de origem, se apegando a tradições que talvez não usasse nem mesmo em seu país, mas que no Brasil serve como um ‘vínculo’ de pertencimento que considera sua ‘identidade nacional’ que, nas palavras de Hall (2006), é formada por representações culturais do lugar em que nascemos e passamos a pensar nela como se fosse parte essencial de nossa natureza, no entanto não estão literalmente em nossos genes. Ou seja, “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p. 48).

Segue-se que nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *idéia* de nação tal como representada em sua cultura nacional (HALL, 2006, p. 49).

Dessa perspectiva, podemos observar a fala de uma estudante guineense no filme *Identities em trânsito* (2007) que representa bem os sentimentos de saudade e pertencimento ao país de origem presentes no cotidiano de parte dos estudantes internacionais que estão nesse processo de migração temporária.

Só saindo que você reconhece o tanto que dá saudade. As coisas pequenas que você achava tão fúteis, tudo isso você pensa. Você passa a amar as coisas pequenas, coisas miúdas que antes você nem dava valor. Eu passei a amar a Guiné muito mais do que quando eu tava lá (*Identities em trânsito*, 2007)⁷.

Sendo assim, os estudantes guineenses passam a promover eventos, como festas onde

⁷ *Identities em Trânsito* (2007) é um documentário dirigido e roteirizado por Daniele Ellery e Márcio Câmara onde se aborda as experiências de estudantes de Cabo Verde e Guiné-Bissau com formação acadêmica no Brasil analisando a trajetória dessas pessoas desde a saída, a chegada, com a adaptação no país que os acolheu, e o retorno aos países de origem.

ressaltam o pertencimento ao país de origem através de comemorações, como por exemplo, festas de independência, que servem como meios de “confraternização para rever amigos e conhecidos, matar saudades da terra de origem através das músicas, danças e comidas, mas também para a resolução de conflitos” (LANGA, 2014, 109).

No entanto, eles também passam a trocar experiências com os estudantes brasileiros e africanos de outras nacionalidades, adquirindo novos costumes, novas formas de viver, e construindo novos projetos de vida no Brasil. Muitos, com passar do tempo, também disseram passar a ter uma sensação de duplo pertencimento ou de não pertencimento por completo a nenhum lugar, como destacado no filme *Do outro lado do Atlântico* (2016)⁸ por um estudante cabo-verdiano que vivia no Rio de Janeiro que disse “não se sentir nem brasileiro e, talvez, nem cabo-verdiano”, até mesmo por já fazer muito tempo que estava no Brasil, revelando a questão da cultura híbrida destacada por Hall (2006).

Mas vale destacar que nem todos os estudantes que entrevistei (ou conversei informalmente), que estudam na Unilab, falaram que se sentiam pertencendo também ao país de acolhimento. Alguns afirmaram o desejo de retorno o quanto antes ao país de origem, em razão de sofrer racismo e preconceitos. Mas talvez seja algo que tenha a ver com o tempo que vivem no Brasil, algo que teria que investigar melhor durante a pesquisa que será realizada.

Uma entrevistada disse que alguns brasileiros olham para os estudantes africanos como quem dissesse: “esses mortos de fome vieram para tomar tudo o que é nosso” (frase dita pela interlocutora durante a nossa conversa). Ela disse ter percebido isso por conta dos olhares estranhos de alguns brasileiros dirigidos a ela e colegas também africanos.

Outro ponto destacado por Hall (2003) importante para entender melhor como se dá esse processo de construção de diferenças na diáspora – no caso específico desta pesquisa, uma “diáspora estudantil” na Unilab – é a criação dos “mitos nacionais” como formas de identificar e diferenciar culturas e povos que, no entanto, se destaca como forma de representação.

Trazendo essa questão para o Brasil, um exemplo de mito nacional é a “democracia racial” criado para singularizar o país como um lugar onde as relações raciais são harmônicas. A primeira entrevistada, uma estudante do curso de Sociologia, analisou isso como um “mito” quando disse que “uma das questões que atraem os guineenses para o Brasil é a ‘democracia

8 O filme *Do outro lado do Atlântico* (2016) é um documentário de Daniele Ellery e Márcio Câmara gravado no Brasil e em Cabo Verde. Aborda as relações culturais e históricas entre Brasil e África através das experiências de estudantes de países africanos de língua oficial portuguesa assim como estereótipos e as trocas culturais.

racial””. Ela relatou: “Por achar que não sofreriam discriminação, muitos quiseram vir para o Brasil invés de ir para outros lugares, como Portugal”. Mas, a interlocutora disse ter se surpreendido quando percebeu que quando frequenta lojas, supermercados, etc., via que estava sendo “observada como se fosse cometer um crime, enquanto os brasileiros, brancos, transitavam normalmente”.

Então, para analisar o cotidiano dos estudantes internacionais que estudam na Unilab-CE devo ter em mente que muitos, inclusive brasileiros, buscarão sobretudo no passado (mas também no presente), origens, símbolos, narrativas discursivas, mitologias e fronteiras que favoreçam a construção de simbologias para a criação da identidade nacional, sendo essas identidades criadas em relação de oposição a outras, como analisado por WOODWARD (2000), construídas de forma a se diferenciar daquilo que não são, criando uma divisão entre “locais” e “forasteiros”, muitas vezes, podendo ocorrer tensões e conflitos nesse processo.

Essa questão do “forasteiro” está mais vinculada às falas de brasileiros quando esses dizem e agem com estudantes africanos como pessoas que vieram para “tomar o que é dos brasileiros”. Essa fala é somente um exemplo do que já ouvi muito nas ruas: “o Brasil não tem o que dar a seu próprio povo e ainda fica trazendo essa gente”.

Sendo assim, essa pesquisa contribuirá para a análise do processo de migração transitória que, como mostrado, pode causar conflitos étnico-raciais que, muitas vezes, podem até passar despercebidos pelo próprio silenciamento sobre o problema do racismo e do preconceito em relação ao negro (ao estrangeiro, ao africano), criando diversas formas de opressão e desigualdades que se entrecruzam produzindo privilégios para os brancos que não são compartilhados com os negros. No entanto, estudos como esses nas áreas de Ciências Humanas e Sociais podem contribuir para o conhecimento e, consequentemente, para aprofundar debates a respeito da resolução de tais conflitos, envolvendo a circulação internacional de estudantes africanos para a Unilab (Ceará), que são intensificados mais ainda quando entra em questão a ‘identidade negra’ e a percepção da “branquitude” (‘identidade branca’), observando que o “problema do negro” foi na verdade inventado pelo branco (CARDOSO, 2010).

Nesse sentido, acho importante partir de um dos principais mitos criados a respeito da identidade do Brasil: a “democracia racial”, decorrente do processo de branqueamento (BENTO, 2002).

Nessa perspectiva, Kaly (2001), pesquisador senegalês, destacou que no Brasil a

imagem admitida é que no país as relações raciais são harmônicas e que a discriminação é mais social do que racial. No entanto, esse mesmo autor apontou que o ‘racismo à brasileira’ é de cor.

Os chamados estudantes africanos que vieram para o Brasil deixaram suas respectivas famílias, os seus bairros e cidades, como Mancagne, Peul, Serere, Diola, Ibo, Banto, Soninké, Bambara, Dioula, Ewe, Touare, Dinka, pegaram o avião como senegaleses, guineenses, camaronenses, gaboneses, marfinenses, argelinos, egípcios, cabo-verdianos, angolanos, moçambicanos, são-tomeenses, e aqui chegaram como « africanos ». No país que os acolheu, as diversidades culturais, lingüísticas e étnicas são eliminadas e eles se vêem reduzidos à categoria de monogrupo. Enquanto os estrangeiros europeus, asiáticos e norte-americanos são tratados a partir de suas nacionalidades próprias, os da África, não. Somos « africanos », com tudo o que isso carrega de negativo (KALY, 2001, p. 112-113).

Para Kaly (2001) o que caracteriza essa generalização e outras desigualdades é a cor da pele, assim também faz uma comparação com o tratamento que o negro brasileiro recebe quando este se destaca por ter a pele mais escura e não pode fugir do racismo com classificações como por exemplo, a cor “parda” que, nas palavras de Andrews (2014, p. 191), “é uma categoria racial nascida da mistura de raças e, como uma categoria social intermediária entre negritude e brancura, como têm notado muitos observadores, pode servir como meio de escapar da negritude”.

São quase todos pretos. Se a cor da pele constitui, para o olhar do brasileiro, o elemento homogeneizador desses estudantes (somos vistos e tratados como provenientes de um mesmo país), essa mesma cor já os coloca nas camadas sociais mais inferiorizadas, mais humilhadas e hostilizadas da sociedade brasileira: os pretos nativos. Quem são esses pretos nativos? Pessoas vivendo à margem da cidadania. Pessoas periféricamente integradas à sociedade brasileira. Os estudantes africanos pretos recebem, basicamente, os tratamentos dispensados aos pretos brasileiros; isto é, são tratados como se fossem necessariamente pessoas pobres, analfabetas, perigosas, faveladas, ignorantes (KALY, 2001, p. 113).

Como destacado por Kaly (2001, p. 116) esses estudantes estão sempre dependendo da “possibilidade, o tempo e o espaço para provar que são estrangeiros e sobretudo estudantes universitários” para que possam ser tratados como seres humanos quando são confundidos com pretos brasileiros e carregarem consigo a carga negativa atribuída a essa cor de pele.

A falta de conhecimento dos brasileiros em relação a África também diz muito sobre o que vão encontrar no Brasil em relação a estereótipos. São questionados sobre dormidas em

árvores e existência de carros e celulares em seus países, sempre se referindo à África como um lugar selvagem/primitivo e às pessoas sendo tratadas como atrasadas cultural e intelectualmente, como analisado por Mourão (2016, p. 10).

Uma entrevistada também destacou esses estereótipos, relatando que já tinham perguntado a ela “se ela vivia com leões e macacos” em seu país, o que para ela reproduz uma relação direta do continente africanos com algo negativo e atrasado.

Assim, as situações de preconceito, racismo e discriminação acompanham o cotidiano dos estudantes negros dos PALOP que vivem em Redenção e Acarape, sendo relevante uma discussão sobre o que está na base do racismo, suas formas de reprodução e consequências.

A base do racismo é o conceito de “raça”, empregado primeiramente na Botânica e na Zoologia para classificar as espécies de animais e de vegetais, classificação que hoje não se usa mais nesses dois ramos. Dessa forma, o termo raça passa a ser usado para classificar também a diversidade humana com base em características físicas e culturais. No entanto, como analisado por Munanga (2016), a Ciência descobriu que as características biológicas eram insuficientes para classificar a diversidade humana em raças biologicamente distintas. Nesse sentido, o autor aponta que o racismo passa atuar somente no imaginário coletivo de maneira social: “O racismo é a crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural” (MUNANGA, 2016, p. 05).

Veja o exemplo desse assunto na fala de um entrevistado:

[...] você pode até entender a sociedade partindo das crianças. Eu vejo assim. Você pode até entender o que os adultos pensam sobre si através da palavra da criança. Eu, na verdade, já fui confrontado com essas questões, mas por uma criança. Vou contar uma história, assim, bem curta, sobre essa questão. Foi um dia que eu tava a divertir com uma criança, eu aluguei a casa da mãe dessa criança, um dia ela me perguntou assim: ‘eu quero saber se, por exemplo, um africano casar com uma brasileira, o filho dessas pessoas, como é que vai ser, ele vai ter a aparência mais com o pai ou mais com a mãe?’. Eu perguntei: ‘como assim?’. Ela disse: ‘se vai ser como seu pai ou inteligente como sua mãe?’. Eu disse que é difícil eu responder corretamente essa pergunta. Eu perguntei por que ela fez essa pergunta. Ela disse assim: ‘é por que a minha prima casou com um africano, aí como os africanos não são bem inteligentes, eu fiquei pensando como é que vai ser o filho deles: se vai ser menos inteligente como o africano que é seu pai ou mais inteligente como sua mãe?’. Tudo passou, mas depois eu fiquei pensando sobre essa questão, eu pensei: ‘olha, se a criança perguntou assim é o que entende sobre o que os pais falam’. Ela veio a ter preocupação com isso depois de ouvir falar (Relato de uma entrevista feita com um estudante guineense).

Como percebido, o racismo atua no imaginário das pessoas como uma crença, mesmo sem base científica, de que as pessoas produzem cultura e identidade como se fossem coisas que pertencem à natureza biológica de cada indivíduo ou grupo social. Assim, é “comum” (do senso comum) que se pense que alguém é menos inteligente por ser africano. Considerando a ideia de raça, Munanga (2016, p. 08) diz que: “Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam em nossas representações e imaginários coletivos”.

Com base nisso, o autor afirmou:

A questão é saber se todos têm consciência do conteúdo político dessas expressões e evitam cair no biologismo, pensando que os negros produzem cultura e identidade negras como as laranjeiras produzem laranjas e as mangueiras as mangas (MUNANGA, 2016, p. 13).

Essas questões destacadas aqui servem de importante base teórica para entender o racismo presente na vida de estudantes negros, africanos, como por exemplo, na narrativa citada acima da criança que achava que os africanos eram pessoas menos inteligentes por serem africanos.

Uma questão também importante que merece ser retomada e destacada, por dizer respeito ao lugar onde os estudantes da Unilab passam a morar, em Redenção e Acarape, é o fato do estado do Ceará ser exaltado como pioneiro na abolição, tendo em Redenção a primeira cidade a abolir a escravidão. Mourão (2016) apud Funes (2000) observa que o Ceará é visto pelo seu próprio povo como um lugar com quase inexistência de negros, associando essa ausência somente à produção escravista do passado. Há então uma exaltação do pioneirismo da abolição e dos abolicionistas, e um consequente apagamento da negritude, das lutas e levantes dos negros escravizados a favor da liberdade, e de suas contribuições nessas lutas, contribuições também culturais, sociais, políticas e econômicas. Ou melhor dizendo, uma forma de branquear a população com discursos de silenciamento e invisibilização dos negros no Ceará.

Ratts (1998) coloca que alguns historiadores analisam a população cearense como constituída em sua maioria da mistura dos povos indígenas e do branco. O autor destacou que:

Tomando, em geral, a categoria “escravo” como sinônimo de “negro” a maioria dos historiadores se detêm na propalada parca utilização de mão-de-

obra escravizada no Ceará posto que seria encontrada apenas em serviços domésticos e nos poucos engenhos de rapadura. A partir daí formula-se outra idéia bastante reiterada de uma “escravidão branda” advinda do contato próximo entre senhor e escravo [...] (RATTS, 1998, p. 114).

Essa questão destacada por Ratts (1998) por si só já revela uma posição de desconforto para o migrante negro vivendo no Ceará. Quando trouxe essa temática da abolição em Redenção e no Ceará para as minhas entrevistas houve quem dissesse procurar ver apenas do “ponto de vista histórico”, mas também teve quem dissesse sentir até mesmo “raiva” e não gostar de nomeações de ruas e estabelecimentos comerciais que sempre ligam o negro ao escravizado, com nomes como o do supermercado “Casa Grande”, remetendo também à senzala, fazendo parecer que “o negro nasceu para isso”, ou seja, “fazendo parecer que ser negro é ser escravo”, algo que faz parte da sua natureza, como colocou uma entrevistada.

Essa entrevistada também disse que algo que ela não gosta é a estátua representando uma pessoa negra escravizada, com correntes, numa das principais praças de Redenção. Para ela, “nessa cidade o branco é representado como alguém inteligente e ‘bem-vestido, enquanto que o negro é representado somente como alguém que foi escravizado e tem sua inteligência ocultada’”.

Outra imagem que a interlocutora se mostrou bastante incomodada – levando também em consideração o fato de ser mulher – foi a da “negra nua” posta em grande visibilidade, em frente ao campus da liberdade (Unilab-CE). Para ela, essa é “uma imagem sexualizada da mulher negra representada como alguém que não tem intelecto”, dando destaque de forma pejorativa somente ao corpo. Nesse sentido, uma das perguntas que ela disse fazer quando viu essa maneira como a mulher negra é representada foi: “onde está a parte da inteligência?”.

Segundo ela, em Guiné-Bissau ela não se via com a necessidade de pensar a respeito de sua negritude, muito menos sobre a escravidão, dizendo “que lá essas questões não são tão relevantes quanto no Brasil”. No Brasil ela é constantemente “lembrada que é negra” seja do ponto de vista histórico – de Redenção e do Ceará – em que as categorias negro e africano são sempre postas como sinônimos de pessoa escravizada, seja pelas discriminações que ela disse já ter sofrido no cotidiano, como por exemplo, os “olhares estranhos nas lojas e supermercados como se ela fosse roubar algo”.

A vinda de estudantes guineenses para o Brasil implica, então, em lidar com diferentes referenciais culturais, tensões e conflitos raciais, estereótipos sobre a África, adaptação aos costumes locais (clima, comidas, modos de agir). Com isso a rede de amigos se configura

fator de grande importância no “acolhimento, adaptação, integração e, conseqüentemente, para o rendimento acadêmico”, como destaca Mourão (2016, p. 169). Essas questões estão alinhadas a importância dada à educação por parte desses estudantes, que os leva a esse mundo novo através da diáspora estudantil.

Portanto, essa pesquisa trará importantes debates para uma universidade que recebe grande quantidade de estudantes estrangeiros dos PALOP, que carrega em seu nome a palavra ‘integração’, se observado que trará uma importante reflexão a respeito do cotidiano desses estudantes que saem de seus países com objetivo de construir seus projetos de vida implicando lidar com a necessidade de “integração” para um melhor desenvolvimento acadêmico, ressaltando a importância da universidade e dos estudantes nacionais brasileiros e da população das cidades também envolvidos nessa “integração”.

Há, como percebido, a importância de problematizar a palavra “integração” posta em destaque em discussões na universidade e no próprio nome da instituição. Silva (1999), sobre a educação dos povos indígenas no Brasil, vai falar de “integração no sentido de incorporação (assimilação)”, destacando a luta dessas populações para não ter que incorporar, ou seja, não ‘integrar’ à educação do “branco”. A autora observou que as populações indígenas no Brasil reivindicavam o direito de terem suas formas de educar baseadas nos ensinamentos da cultura indígena se opondo ao apagamento de seus costumes para incorporarem os costumes do “branco”. A palavra ‘integração’ na concepção de Silva (1999) aparece, então, como forma de ‘incorporação’ dos costumes do outro e apagamento dos seus. Dessa perspectiva, quando se fala de estudantes guineenses estudando na Unilab e vivendo em Acarape e Redenção pode ser mais válido falar da necessidade de “interação” (no sentido de troca) entre as diferenças invés de propriamente dizer que essas pessoas têm que “integrar e/ou incorporar” outros costumes. Pois, aprender novos costumes não deve implicar necessariamente em esquecer os seus, mas sim trocar conhecimentos, partilhar experiências e culturas (ressignificando códigos culturais), aprendendo coisas novas uns com os outros.

Desse modo, pretendo com essa pesquisa promover um conhecimento maior a respeito dos encontros entre os diferentes referenciais culturais, os conflitos e tensões geradas em razão dos preconceitos, do racismo, das desigualdades e das discriminações vividas por estudantes guineenses na Unilab, em Redenção e Acarape. Não posso esquecer o contexto histórico do Ceará e de Redenção, em especial quando essas questões podem ser tratadas nas Ciências Sociais e Humanas, em cursos de licenciatura onde muitos estudantes serão

professores do ensino básico e poderão colocar estudantes dessa faixa estudantil em contato com algumas dessas discussões a respeito de como o negro africano é visto no Ceará.

Assim, promovendo uma possibilidade de refletir sobre os preconceitos, o racismo e a consequente desigualdade que vem de um passado histórico de colonização portuguesa e escravidão de povos africanos. Nisso considero o conhecimento como fator fundamental na construção de uma sociedade mais justa e preparada para quebrar paradigmas antigos, preconceituosos e essencialistas.

4. REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Considerando minha posição como aluno da Unilab e colega de curso de estudantes guineenses dessa instituição, no Instituto de Humanidades (IH), pretendo partir do método de pesquisa qualitativo através de uma análise etnográfica descrevendo minhas observações de campo, conversas e entrevistas mais formais realizadas junto aos estudantes da Guiné-Bissau dentro e fora da Unilab, nas comunidades de Redenção e Acarape, onde eles moram.

Segundo Becker (2014, p. 189), por meio de conversas (formais ou informais), interações, observações e ouvindo as pessoas enquanto agem normalmente no dia a dia “Podemos descobrir, não com precisão exata (mas maior que zero), o que as pessoas estão fazendo, que significados elas dão aos objetos, eventos e pessoas nas suas vidas e experiências.”

Assim, por meio de uma observação participante, ouvindo e olhando o cotidiano da diáspora estudantil guineense pretendo fazer um estudo de caso das experiências dessas pessoas enquanto migrantes temporários, fazendo “um mergulho profundo e exaustivo”, como orienta Mirian Goldenberg (2004), que possibilite a penetração do pesquisador na “realidade social” desses sujeitos. Observando “por um longo período de tempo”, pretendo coletar durante a pesquisa que será realizada dados do cotidiano dessas pessoas, conversando com elas para entender as interpretações que dão as situações observadas, para que dessa maneira eu possa “comparar e interpretar as respostas dadas em diferentes situações.” (GOLDENBERG, 2004, p. 47).

É nesse sentido que o “Olhar” é o primeiro ponto importante para a realização dessa pesquisa. Mas é importante destacar que, tal como descreve Oliveira (1996), esse Olhar estará

previamente alterado por conta da leitura teórica feita antes da entrada no campo. Essa situação, segundo diz o autor, permitirá que o pesquisador não olhe para o objeto com “ingenuidade, com mera curiosidade diante do exótico, porém com um olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível.” (OLIVEIRA, 1996, p. 16). E não só isso, as experiências de vida do pesquisador, sua subjetividade, de onde vem, seus valores, cultura também influenciam esse olhar.

Mirian Goldenberg (2004) também alerta para essa questão da leitura teórica. Para essa autora:

Qualquer pesquisa está situada dentro de um quadro de preocupações teóricas. A leitura da bibliografia deve ser um exercício de crítica, na qual devem ser destacadas as categorias centrais usadas pelos diferentes autores. Este é um exercício de compreensão fundamental para a definição da posição que o pesquisador irá adotar. (GOLDENBERG, 2004, p. 79-80).

O segundo ponto destacado por Oliveira (1996) é o “Ouvir” que complementaria o “Olhar”,

Por isso, a obtenção de explicações, dada pelos próprios membros da comunidade investigada, permitiria se chegar àquilo que os antropólogos chamam de "modelo nativo", matéria-prima para o entendimento antropológico. Tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da “entrevista”, portanto, de um Ouvir todo especial. (OLIVEIRA, 1996, p. 19).

Oliveira (1996, p. 20) destaca que a melhor forma de obter informações precisas sobre os pensamentos dos entrevistados e os sentidos que dão as suas ações é transformando a entrevista em uma conversa, portanto tomando o pesquisado como interlocutor e não como informante.

[...] não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador, porquanto na utilização daquele como informante o etnólogo não cria condições de efetivo "diálogo". A relação não é dialógica. Ao passo que, transformando esse informante em "interlocutor", uma nova modalidade de relacionamento pode (e deve) ter lugar. (OLIVEIRA, 1996, p. 20).

Sendo assim, transformando a entrevista em uma conversa que permitiria o “Ouvir”, como analisado por Oliveira (1996), será elevado a uma troca de informações, onde tanto o pesquisador quanto o pesquisado serão interlocutores o que fará com que a entrevista se torne um verdadeiro diálogo com interação entre ambos. Isso faz com que a pesquisa ganhe em qualidade dependendo, é claro, da capacidade do pesquisador de saber ouvir e ser ouvido sem contaminar a fala do interlocutor com seu discurso (OLIVEIRA, 1996). Para Goldenberg

(2004, p. 90) a entrevista é antes de tudo um método para que o pesquisador consiga respostas que “não conseguiria com outros instrumentos”, é assim que a autora ressalta a importância de “não se criar antagonismos ou suspeitas nas primeiras abordagens” não deixando que as opiniões do pesquisador estejam em primeiro lugar e não propondo respostas às perguntas.

Becker (2014) alerta que quanto mais próximos chegarmos das situações ao qual pesquisamos e dos sentidos que as pessoas dão a elas mais fácil será a nossa descrição de tais situações e sentidos. É por isso que opto, em vez de entrevistas com questões fechadas (com alternativas), por perguntas abertas onde o interlocutor responderá “livremente sobre o tema que lhe é proposto”. (GOLDENBERG, 2004, p. 86). Esse modelo de entrevista garante, entre outras vantagens, que possam ser reveladas questões complexas, como por exemplo as emoções do interlocutor, além de poder permitir que se estabeleça “uma relação de confiança entre pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados.” (GOLDENBERG, 2004, p. 88).

A relação de confiança proposta anteriormente poderá me proporcionar outra vantagem. Caso eu consiga estabelecer uma boa relação com os interlocutores da pesquisa, esses poderão intermediar novas entrevistas. Sendo assim, já poderei começar a pesquisa a partir desse ponto, ou seja, pedindo a amigos guineenses que façam esse intermédio na negociação de novas entrevistas com pessoas que ainda não conheço de suas redes de relações. A respeito disso, Mirian Goldenberg (2004) diz que:

No caso da entrevista, é importante a apresentação do pesquisador por uma pessoa de confiança do pesquisado (esta pessoa que irá intermediar o primeiro contato será responsável pela primeira imagem. Em função deste primeiro encontro, portas se abrirão ou se fecharão). Também aqui é preciso garantir o anonimato do entrevistado, caso seja necessário. (GOLDENBERG, 2004, p. 87).

Para uma boa entrevista é importante que o pesquisador esteja preparado para registrar da melhor forma possível o conteúdo da conversa, dessa maneira, pretendo fazer o uso de um gravador de voz para registrar o máximo de conteúdo possível e transcrever o quanto antes o material coletado (também no caderno de campo, principalmente se o pesquisado não aceitar a gravação da conversa) e assim dominar o assunto e me preparar para novas entrevistas (GOLDENBERG, 2004).

Nessa perspectiva, também é importante que o pesquisador não se isole dos dados. Desde o momento da entrada no campo serão ouvidas e observadas coisas que devem ser

gravadas e/ou anotadas. Como destacado por Becker (2014), como pesquisador devo ter mente que, “até mesmo as coisas que pareçam inúteis, devem ser registradas”, pelo menos até o momento que tiver a certeza que não vou usá-las.

Assim, é importante aproveitar o máximo possível o que os entrevistados têm a dizer, e a melhor forma de fazer isso é ficando calado no momento em que estiverem falando. Em outras palavras, quanto mais eu ouvir mais conteúdo e maior entendimento terei dos dados da minha pesquisa.

Mirian Goldenberg (2004) destaca essa qualidade que o pesquisador deve ter para fazer uma boa entrevista: “Thompson, ao analisar a situação de entrevista, afirma que quem não consegue parar de falar nem resistir à tentação de discordar do informante e de impor suas próprias ideias, irá obter informações que são inúteis ou enganosas.” (GOLDENBERG, 2004, p. 57 apud THOMPSON, 1992).

Outro ponto importante que deve ser ressaltado é o meu “lugar de fala”, no sentido trabalhado por Djamila Ribeiro (2016), com a necessidade de explicitar de onde eu falo nessa pesquisa, ou qual a minha autoridade etnográfica, uma vez que a pesquisa será realizada com estudantes negros oriundos do continente africano em situação de trânsito migratório no Ceará que lidam com situações de discriminação e racismo.

Segundo essa autora, as hierarquias sociais são construídas com base em fatores como a cor da pele, o gênero, a classe social, o território, etc. Djamila Ribeiro (2016) ainda mostra a articulação entre essas categorias destacando que as mulheres negras são as mais atingidas por situações de discriminação dentro de uma sociedade estruturalmente racista, classista e patriarcal. Sendo assim, reconheço que a minha posição, o meu “lugar de fala”, visto como “branco” faz com que eu tenha experiências distintas das experiências dos sujeitos dessa pesquisa, sobretudo quando se articulam, ou melhor, se interseccionam as categorias raça, gênero, classe e território dentro dessa “matriz de dominação” (CRENSHAW, 2002).

Embora eu não me veja e me reconheça como branco, me autodeclarando “pardo”, sou visto como branco, fazendo com que eu tenha experiências diferentes das experiências das pessoas negras (podendo acessar lugares de maior privilégio), sobretudo das experiências de mulheres negras africanas no que se refere a preconceitos e discriminação, uma vez que sou “homem branco”, ocupando o topo do lugar de privilégio.

Entretanto, Djamila destaca que não se trata de dizer que somente pessoas negras podem falar de pessoas negras (isto é, que apenas negros têm essa autoridade), mas sim

reconhecer “o lugar social que um grupo ocupa dentro dessa matriz de dominação”⁹. Nesse sentido, entendendo que, embora me identifique como não branco, um homem “pardo”, contudo, visto como branco, vou partilhar dos privilégios historicamente dados aos homens brancos. Todavia, falo desse lugar e o reconheço para a partir disso me colocar como alguém que fala contra o racismo, no lugar de fala da “branquitude crítica”, denunciando e condenando o racismo estrutural da nossa sociedade de forma pública, como analisado por Lourenço Cardoso (2010).

Portanto, devo entender que não se trata somente de dar voz aos interlocutores como pessoas negras falando de racismo, mas também de problematizar o lugar do branco dentro dessa estrutura racista como alguém que deve estar ciente que obtém privilégios para que a partir disso eu possa me colocar como também sujeito dessa pesquisa, que “se encontra dentro do grupo opressor, mas que ao mesmo tempo se coloca contra a opressão.” (CARDOSO, 2010, p. 624). Assim, pretendo me aproximar o máximo possível do que esses estudantes pensam através de uma escuta atenta ao que vão dizer sobre as suas experiências e sobre o que fazem. Parto do que Geertz (1997) chama de “o ponto de vista dos nativos”, da mesma forma explicitada pelo autor, não para me colocar no lugar deles e falar por eles, mas para dialogar com eles e falar junto com eles. A partir do ponto de vista dos estudantes guineenses pesquisados, pessoas que podem sofrer discriminação e racismo, pretendo como pesquisador que reconhece o lugar de onde falo, dialogar com eles e me colocar contra as diversas formas de desigualdades e opressões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto de pesquisa pretende refletir sobre o processo de migração temporária ou transitória (SUBUHANA, 2005) de estudantes vindos da Guiné-Bissau para o Ceará para se formarem no ensino superior na Unilab. Para isso levarei em conta o encontro entre os diferentes códigos culturais, tanto do Brasil quanto da Guiné-Bissau e de outras nacionalidades presentes na Unilab. A respeito disso, os conceitos de cultura e identidade cultural e nacional devem ser ainda mais aprofundados, observando a possibilidade de haver trocas e ressignificações culturais e também estranhezas quando os estudantes guineenses

9 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=0k1mh7N8Caw>, consultado em 13/07/2019.

entram em contato com a cultura do “outro” (estudantes brasileiros e de outras nacionalidades do continente africano).

Também trouxe a importância de analisar as motivações de estudarem fora, em especial no Brasil, no Ceará (na Unilab). Na pesquisa exploratória, pude perceber que muitos fazem essa escolha pela facilidade dos acordos, assim como também pelo contexto histórico semelhante, uma vez que seu país também foi colonizado por Portugal e falam a mesma língua, deixada como herança, (contudo, com diferentes linguagens culturais e corporais, e diversos sotaques), além do baixo investimento público em educação na Guiné-Bissau.

Procurei também destacar a importância de um olhar atento para as relações étnico-raciais e construções de diferenças. Percebi que muitas vezes esses estudantes passam por situações de discriminação e racismo, seja quando há uma constatação do desconhecimento a respeito da África, vista como um país e não como um continente com uma variedade de culturas existentes, além de estereótipos de lugar atrasado, selvagem e pobre cultural e economicamente. Também percebi que muitos brasileiros veem esses estudantes como intrusos que vieram para “tomar o que é dos brasileiros”.

Conversando de maneira informal e por meio de entrevistas com estudantes guineenses pude ouvir relatos de estranhezas com as roupas femininas muito curtas no Brasil e com os diferentes sotaques dos países lusófonos que estão representados na Unilab. Também percebi que muitos trazem partes de suas culturas, reafirmando-as, como forma de matar a saudade do país de origem, usando roupas com tecidos africanos, turbantes, panos, falando o crioulo sempre que podem, realizando festas de independência do país de origem, partilhando com os brasileiros de suas músicas e suas comidas.

Nessas conversas também teve relatos de situações de discriminação, quem dissesse ter “se sentia vigiada” em supermercados e lojas como se fossem pessoas que estivessem ali para roubar, dando destaque ao preconceito de cor também sofrido por brasileiros negros.

Por fim, vejo a importância de fazer uma pesquisa qualitativa com a metodologia da etnografia, conversando e observando a realidade desses estudantes, estando atento para o lugar de onde falo, de onde converso com os estudantes (interlocutores da pesquisa), reconhecendo que como jovem pesquisador, brasileiro, homem e branco, não terei as mesmas experiências de homens e mulheres de pele negra que vêm do continente africano. Nesse sentido, ainda perceber que a pesquisa sempre será uma aproximação (fará parte dela a minha subjetividade, pois uma pesquisa nunca é totalmente neutra), e quem eu sou, de onde eu

venho, se sou homem, mulher, negro, branco sempre fará diferença na relação social que se estabelecerá com os meus interlocutores e interlocutoras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

ANDREWS, George Reid. Amorenamento e Enegrecimento, 1930-2000. In: América Afro-Latina, 1800-2000. EDUFSCAR, São Carlos: 2014. P. 187-226.

BARTH, Fredrik. Etnicidade e o Conceito de Cultura. Antropolítica. Niterói, n. 19, p. 15-30, 2. sem. 2005.

BECKER, Howard S. A Epistemologia da Pesquisa Qualitativa. Revista de Estudos Empíricos em Direito Brazilian Journal of Empirical Legal Studies vol. 1, n. 2, jul 2014, p. 184-199.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia Social Do Racismo** – Estudos Sobre Branquitude e Branqueamento No Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-58.

CARDOSO, Lourenço, “Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista”, Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Manizales, Doctorado en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud del Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud de la Universidad de Manizales y el Cinde, vol. 8, núm. 1, (enero-junio), 2010, pp. 607-630

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.

FATI, Calilo. 2018. A pesquisa compreensiva: Ponderações Teóricas em um Estudo de Diáspora Estudantil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia). Redenção: UNILAB.

GEERTZ, Clifford. O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis, **Vozes**, 1997 [1983]. cap. 3: “**Do ponto de vista dos nativos**”: A natureza do entendimento antropológico” (1974).

GOMES, Nilma Lino; LIMA, Aristeu Rosendo Pontes; SANTOS, Tomaz Aroldo da Mota. UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira: o desafio de uma experiência acadêmica na perspectiva da cooperação Sul-Sul. Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol.1 - n.1 – 2018.

GODENBERG, Mirían. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais / Mirian Goldenberg. - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade / Stuart Hall: tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro - []. ed. - Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

_____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. LIV SOVIK (org.) Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HELENO, Maurício Gurjão Bezerra. A política externa do governo Lula: a experiência da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) / Maurício Gurjão Bezerra Heleno. - Fortaleza : EdUECE, 2018. 229 p.

KALY, Pascal Alain. O Ser Preto africano no <<paraíso terrestre >> brasileiro: Um sociólogo senegalês no Brasil. In: Lusotopie, nº 8, 2001, Timor Les défis de l'indépendance. pp. 105-121;.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. Diáspora Africana no Ceará: Representações sobre as festas e interações afetivo-sexuais de estudantes africano (a)s em Fortaleza. Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone of Journal Cultural Studies, Vol. 2, n. 1, pp. 102-122, 2014, ISSN 2183-0886.

MARQUES, Janote Pires. A invisibilidade do negro na História do Ceará e os desafios da Lei 10.639/2003. Revista Poiésis – Revista de Pós-Graduação em Educação de Mestrado da UFSC. Unisul, Tubarão, v. 7, n. 12, p. 347 – 366, Jun./Dez. 2013.p.57-84.

MOURÃO, Daniele Ellery. Estudantes Cabo-verdianos do Ensino Superior no Brasil e em Portugal: Projeto de vida e elaboração de identidades. Revista ANTHROPOLOGICAS, Ano 20, 27(1):155-186, 2016.

_____. Entre Palmares e Liberdade: Reconfigurações Identitárias de Estudantes Africanos na Unilab. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 3 e 6 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

_____. Partir, permanecer, regressar: estudantes cabo-verdianos entre Brasil e Portugal / Daniele Ellery Mourão. - Fortaleza: Edições UFC, 2018. 307, p. : il.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acessado em: 20 de abr de 2019.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, Vol. 39, No. 1 (1996), pp. 13-37.

RATTS, Alecsandro J. Os povos invisíveis: territórios negros e indígenas no Ceará. *Cadernos CERU*, 2 (9): 109-127, 1998.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos* • SUR 24 - v.13 n.24 • 99 - 104 | 2016.

SILVA, Rosa Helena Dias da. Movimentos indígenas no Brasil e a questão educativa: Relações de autonomia, escola e construção de cidadanias. *Revista Brasileira de Educação*, 1999.

SUBUHANA, Carlos. 2005. Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 6 - 67, 2000.